

EDWARD ST. AUBYN

# Romances de Patrick Melrose

*Não importa*

*Más notícias*

*Alguma esperança*

*Tradução*

Sara Grünhagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright de *Never Mind* © 1992 by Edward St. Aubyn  
Copyright de *Bad News* © 1992 by Edward St. Aubyn  
Copyright de *Some Hope* © 1994 by Edward St. Aubyn  
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Patrick Melrose Novels — Never Mind, Bad News, Some Hope, and Mother's Milk

*Capa*

Tereza Bettinardi

*Foto de capa*

Corbis Corporation/ Fotoarena

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Jane Pessoa

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

St. Aubyn, Edward

Romances de Patrick Melrose : Não importa ; Más notícias ; Alguma esperança / Edward St. Aubyn ; tradução Sara Grünhagen. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: The Patrick Melrose Novels : Never Mind, Bad News, Some Hope, and Mother's Milk.

ISBN 978-85-356-2675-0

1. Romance inglês. I. Título. II. Título: Não importa.  
III. Título: Más notícias. IV. Título: Alguma esperança.

15-11153

CDD-823

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura inglesa 823

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Não importa, 7

Más notícias, 153

Alguma esperança, 335

NÃO IMPORTA

## 1.

Às sete e meia da manhã, carregando a roupa que havia passado na noite anterior, Yvette veio caminhando pela trilha de acesso à casa. Seu chinelo golpeava o chão com um som fraco, enquanto ela o agarrava com os dedos dos pés para segurá-lo, e a tira arreventada dava-lhe um andar vacilante sobre o piso pedregoso e esburacado. Por cima do muro, sob a fileira de ciprestes que ladeavam a entrada da casa, ela viu o médico no jardim.

De roupão azul e já de óculos escuros, apesar de estar cedo demais para o sol de setembro assomar à montanha de calcário, ele apontava um jato forte de água da mangueira que segurava com a mão esquerda para a fileira de formigas que se agitava no cascalho a seus pés. Sua técnica era bem conhecida: ele deixava as sobreviventes se debaterem sobre as pedras molhadas, recuperando a dignidade por um instante, antes de lançar novamente a água cataclísmica sobre elas. Com a mão livre ele tirou o charuto da boca, a fumaça subindo pelos cachos castanhos e grisalhos que cobriam os ossos salientes de sua testa. Em seguida estreitou

o jato de água com o polegar para atingir de forma mais eficaz uma formiga que ele estava de fato determinado a matar.

Yvette só precisava passar pela figueira e esgueirar-se para dentro da casa sem que o dr. Melrose percebesse a chegada dela. O hábito dele, porém, era chamá-la sem tirar os olhos do chão, bem quando ela achava que a árvore a encobria. No dia anterior ele tinha ficado falando com ela tempo suficiente para cansar seus braços, mas não a ponto de ela deixar a roupa cair. Ele calculava essas coisas com muita precisão. Tinha começado perguntando a opinião dela sobre o mistral, com um respeito exagerado por seu conhecimento de nativa da Provença. Quando ele teve a gentileza de mostrar interesse pelo trabalho do filho dela no estáleiro, a dor tinha se espalhado até os ombros e começado a fazer incursões afiadas no pescoço. Ela fora firme na resolução de enfrentá-lo, mesmo quando ele perguntou sobre as dores nas costas de seu marido e se seria o caso de eles pouparem-no de dirigir o trator durante a colheita. Hoje ele não a saudou com o “*Bonjour, chère Yvette*” que introduzia essas solícitas conversas matinais, e ela se curvou sob os galhos baixos da figueira para entrar na casa.

A mansão, como Yvette chamava o que para os Melrose era uma casa velha de fazenda, fora construída em uma encosta, portanto a trilha de acesso ficava no mesmo nível do primeiro andar da casa. Uma ampla escada num dos lados dava para um terraço em frente à sala de estar.

Uma segunda escada margeava o outro lado da casa até uma pequena capela, que era usada para esconder as latas de lixo. No inverno, a água escorria gorgolejando pela encosta por uma série de charcos, mas a calha próxima à figueira ficava silenciosa nessa época do ano, entupida de figos esmagados e rachados que manchavam o chão no ponto onde haviam caído.

Yvette entrou na sala alta e escura e largou a roupa lavada. Acendeu a luz e começou a separar as toalhas dos lençóis e

os lençóis das toalhas de mesa. Havia dez armários altos com grandes pilhas de roupa de cama, mesa e banho cuidadosamente dobrada, nenhuma das quais sendo usada agora. Yvette às vezes abria esses armários para admirar essa coleção protegida. Algumas toalhas de mesa tinham ramos de louro e cachos de uva bordados de um jeito que só os revelava se elas fossem seguradas em certos ângulos. Ela corria o dedo pelos monogramas bordados nos lençóis brancos e macios e pelas coroas que cingiam a letra V no canto dos guardanapos. Seu favorito era o unicórnio que ficava sobre uma faixa de palavras estrangeiras em alguns lençóis mais antigos, mas estes também nunca eram usados, e a sra. Melrose insistia que Yvette reciclasse a mesma pilha pobre de roupa de cama simples do armário menor perto da porta.

Eleanor Melrose subiu a toda os degraus baixos da cozinha até a entrada da casa. Se caminhasse mais devagar, poderia ter cambaleado, parado e sentado desesperada no muro baixo que ladeava a escada. Sentia-se desafiadoramente nauseada de um jeito que não ousava provocar com comida e que ela já agravava com um cigarro. Tinha escovado os dentes depois de vomitar, mas ainda sentia o gosto de bile na boca. Também havia escovado os dentes antes de vomitar, jamais conseguindo apagar totalmente o traço otimista de sua natureza. As manhãs tinham se tornado mais frias desde o início de setembro e o ar já cheirava a outono, mas isso pouco importava a Eleanor, que suava sob as grossas camadas de pó em sua testa. A cada passo empurrava os joelhos com as mãos, a fim de impelir-se para a frente, olhando através dos óculos de sol enormes para o sapato branco de lona em seus pés pálidos, sua calça de seda crua rosa-escuro feito pimenta-malagueta colada às pernas.

Imaginou uma vodca servida sobre gelo e todos os cubos congelados clareando, se desmanchando e estalando no copo, como uma espinha nas mãos de um osteopata experiente. Todos os cubos lisos e desajeitados de gelo flutuando juntos, tilintando, os cristais atirados para as bordas do copo e a vodca fria e untuosa na boca.

A trilha de acesso elevava-se acentuadamente à esquerda da escada, dando para um círculo de chão plano onde seu Buick castanho-avermelhado estava estacionado sob um pinheiro-manso. Ele parecia despropositado, estirado sobre seus pneus de faixa branca contra as vinhas em terraços e os olivais atrás, mas para Eleanor seu carro era como um consulado numa cidade estranha, e ela foi na direção dele com a urgência de um turista recém-assaltado.

Glóbulos de resina translúcida estavam grudados no capô do Buick. Um salpico de resina com uma agulha de pinheiro dentro estava colado na base do para-brisa. Ela tentou tirá-lo, mas apenas manchou mais o vidro e ficou com a ponta dos dedos melecada. Queria muito entrar no carro, porém continuou esfregando compulsivamente a resina, sujando as unhas. O motivo de Eleanor gostar tanto do Buick é que David nunca o dirigia — ou mesmo entrava nele. Ela era proprietária da casa e da terra, pagava os empregados e a bebida, mas apenas o carro realmente lhe pertencia.

Quando conheceu David doze anos atrás, ficou fascinada por sua aparência. A expressão que os homens se sentem no direito de exibir quando admiram suas terras a partir de uma fria sala de estar inglesa tinha se tornado mais obstinada ao longo de cinco séculos e se aperfeiçoado no rosto de David. Nunca foi muito claro para Eleanor por que os ingleses achavam tão notável o fato de não fazer nada por um longo tempo no mesmo lugar, e David não deixava dúvidas de que esse era o caso.